

O MÉDICO E O MONSTRO: HÁ 120 ANOS, UMA HISTÓRIA INSPIRADORA

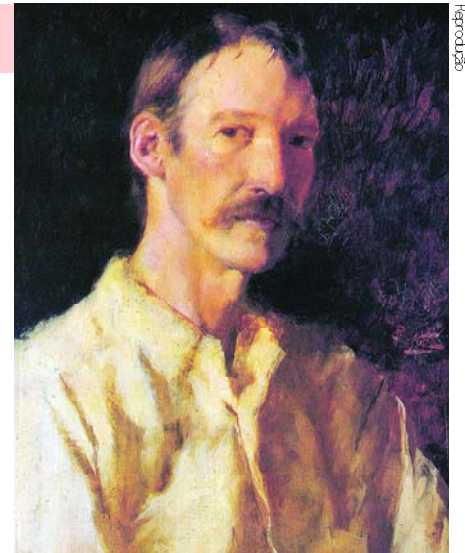
Em 2006, *O médico e o monstro* (*The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde*), do escritor escocês Robert Louis Stevenson, completa 120 anos, sendo seguramente um dos livros mais adaptados para o teatro, cinema e televisão em todo o mundo. Segundo o próprio Stevenson, em entrevista publicada no *The New York Herald* de 8/09/1887, teria vindo-lhe em sonho o argumento para a história do médico que descobre, por meio da química, uma maneira de dividir suas porções boa e má, ou civilizada e selvagem.

O médico e o monstro é um precursor – senão fundador, ao lado de *Frankenstein* ou *O Prometeu moderno* (1818), de Mary Shelley – do gênero da ficção científica. Toda a linhagem dos “cientistas loucos” tem uma dívida com os doutores Frankenstein e Jekyll. A novela de Stevenson retoma o velho mito do duplo, resgatado pelo romantismo alemão na figura do *Doppelgänger*, tema já tratado em *The private memoirs and confessions of a justified sinner* (1824), do escocês James Hogg, ou *A história maravilhosa de Peter Schlemihl* (1813), de Adelbert von Chamisso, entre outros. À luz do pensamento freudiano, especialmente de *O mal-estar na civilização* (1930), não é difícil associar o dualismo que afeta o personagem Henry Jekyll à

dicotomia que opõe civilização à instinto ou segurança à liberdade.

O tema do duplo estará presente, também, em outros escritos de Stevenson, como o excelente conto “Markheim”. Vale a pena notar que, no pequeno prédio do Writers’ Museum, em Edimburgo, o acervo sobre Stevenson também sugere algo da dualidade (ou multiplicidade) do próprio escritor. Nele são retratados o Stevenson da fria e escura capital escocesa, a “cidade dos mortos”, o das viagens pela França, o da vida em família e o do convívio com a cultura samoana do pacífico sul. Enfim, fragmentos da vida de um artista do mundo.

NO CINEMA Acredita-se que a primeira versão cinematográfica de *O médico e o monstro* seja americana, de 1908, dirigida por Otis Turner e produzida por William Selig. Nesse filme já são introduzidas as personagens da noiva e do sogro do dr. Jekyll, inexistentes na novela de Stevenson, mas absorvidas da adaptação teatral da história, em 1897, por Luella Forepaugh e George Fish. Desde então, sucederam-se diversas adaptações de *O médico e o monstro* para o cinema, nos EUA, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha e outros países. De 1914 em diante surgem as primeiras paródias ou adaptações livres. Dentre as mais



célebres versões da novela de Stevenson estão a de John S. Robertson, de 1920, com John Barrymore; a primeira versão sonora, de Rouben Mamoulian, de 1931, com Fredric March (ganhador do Oscar por sua atuação como Jekyll/Hyde), e a de Victor Fleming, de 1941, com Spencer Tracy, Lana Turner e Ingrid Bergman – todas norte-americanas. Em 1963, Jerry Lewis lança uma comédia hilariante inspirada na novela de Stevenson: *The nutty professor* (*O professor alopchado*). Ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990, o *plot* de *O médico e o monstro* servirá de base para filmes diversos, os quais discutem da problemática racial ao tema da mudança de sexo. No Brasil, até mesmo Os Trapalhões usaram a história de Stevenson, com *O incrível monstro trapalhão* (1980), de Adriano Stuart, um dos melhores filmes do grupo. *Mary Reilly* (1996), de Stephen Frears, é um dos mais recentes filmes baseados na obra. Outras obras do autor também serviram de inspiração no cinema. É o caso do romance *A ilha do tesouro*,

que deu origem a outros inúmeros filmes ou séries de TV, como *A ilha do futuro* (*L'isola del tesoro*) produção ítalo-alemã de 1987, sob a direção de Antonio Margheritti, e a animação norte-americana *Planeta do tesouro* (*Treasure planet*) de 2002, de Ron Clements e John Musker, exemplos apenas do gênero da ficção científica. Um retrospecto da influência de Jekyll e Hyde no cinema ilustra bem o poder de sedução de alguns personagens literários, cuja existência parece preceder e ir além da própria obra que lhes deu origem. Com base em sua experiência clínica, o médico Theodore Dalrymple comenta, em seu artigo “Mr. Hyde and the epidemiology of evil” (em *The New Art Griterion*, v. 23, nº 1, setembro de 2004, p. 24-8), que “mesmo pessoas iletradas, que nunca leram um livro em suas vidas, fazem uso de Jekyll e Hyde enquanto metáfora.”

Stevenson já foi considerado autor de literatura juvenil e acusado de ser um escritor afetado. Contudo, a força de seus personagens e a atualidade de suas histórias tem contrariado opiniões negativas e garantido a sobrevivência de sua obra no decorrer dos séculos. Graham Greene, Ítalo Calvino e Jorge Luiz Borges estão entre os que consideraram Stevenson um mestre. No início deste ano, foi lançada uma nova biografia do autor escocês, escrita por Claire Harman (*Robert Louis Stevenson – a biography*, Harper Collins, 528 págs), marcando, talvez, o início de uma revisão crítica desse que foi um dos mais influentes contadores de histórias da literatura universal.

Alfredo Luiz Suppia



Cena do filme de estreia de Elza Cataldo na direção

CINEMA

OBRA RESGATA HISTÓRIA DAS MULHERES NA INCONFIDÊNCIA

Liberdade, ainda que tardia, e no gênero feminino. O filme *Vinho de rosas*, o primeiro da cineasta mineira Elza Cataldo, em parte resgata em parte recria a história de Joaquina, filha de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Condenado à morte e enforcado no Rio de Janeiro em 21 de abril de 1792, o pai de Joaquina é personagem conhecida – e controversa – dos livros de história. O movimento de libertação que liderou, a Inconfidência Mineira,

figura entre as primeiras tentativas de tornar o Brasil uma república independente de Portugal.

Quando se trata das mulheres que viveram no mesmo período, porém, a história se apresenta cheia de lacunas. Por isso, a cineasta teve que recorrer também à ficção para “preencher essas lacunas de forma plausível”. Na história oficial, elas são relegadas ao papel de coadjuvantes sem voz. No cinema, tornaram-se protagonistas. O padre, o sacristão, o advogado e outros personagens masculinos compõem a narrativa, mas não conduzem o enredo, não são eles que contam a história. “Acho que o olhar feminino traz um novo enfoque à história do Brasil, ao revelar a forma como as personagens femininas se relacionaram com os inconfidentes”.

A cidade de Ouro Preto – antiga Vila Rica – constituiu o principal cenário do filme, da mesma forma